



## **MÃE SUFICIENTEMENTE BOA NA CONTEMPORANEIDADE: UMA (RE)LEITURA WINNICOTTIANA**

Marina Schnorr Grando - UPF

Andréa da Silva Katzwinkel - UPF

Marina Miri Braz - UPF

### **Resumo:**

Este artigo põe em evidência as mudanças ocorridas no âmbito familiar ao longo dos tempos, analisando como ocorrem os cuidados do bebê nessa instituição, fazendo um contraponto do tempo histórico de Winnicott com o contemporâneo acerca da mãe suficientemente boa na atualidade, observando o contexto da mulher no mundo do trabalho. Além disso, destaca aspectos referentes aos espaços escolares na primeira infância, expondo as limitações e perspectivas presentes na concepção deste intelectual.

**Palavras-chave:** Família na contemporaneidade. Cuidados naturais. Escola.

### **Introdução**

A instituição familiar tem uma importante função a desempenhar para a sociedade, ao passo que é o primeiro espaço de convivência da criança, tendo em vista que dependendo dos cuidados tidos para com seu rebento poderá propiciar futuros cidadãos integralmente sadios.

Isso é um fator preponderante a se pensar, pois ao observar a suscetibilidade – que cada dia aumenta mais – de jovens utilizando-se de drogas lícitas e ilícitas e, assim como, de atitudes agressivas podem ser resultados emocionais vindos de um lar deficitário.

Como se não bastasse, ainda há uma sociedade globalizada geradora de profundas angústias, fazendo com que a juventude necessite de adaptações constantes para adentrar no mundo competitivo do trabalho e ao bombardeio de informações vindas de todos os meios comunicacionais. Entretanto, - por se tratar de uma temática ampla - é preciso afunilar o estudo, a fim de explorar com mais exatidão uma parte desse tema tão importante. Para tratá-lo, o presente artigo tomará como referência os estudos de Winnicott, sobretudo, aqueles relacionados ao seu pensar sobre a importante função da *mãe suficientemente boa*.

Entretanto, para viabilizar esse estudo, é necessário desalinhar o nó da linha temporal entre o tempo que Winnicott trabalhava e pesquisava sobre o desenvolvimento emocional da criança - obtido de forma natural pela mãe -, contrapondo com o período vigente, observando todas as mudanças ocorridas até então, como a mulher integrante no mundo do trabalho, sendo que para Winnicott, uma das funções do pai é desvendar a criança no universo do trabalho, já a mãe, segundo esse estudioso, consistia em ser dona de casa. Todavia, como é de cunho geral, a mulher da contemporaneidade encontra-se dentro do mundo do trabalho, exercendo, assim, múltiplas funções, como: profissional, mãe, de Winnicott à geração contemporânea.

O primeiro tópico *As mutações da família na contemporaneidade* abordará as mudanças ocorridas da instituição familiar até chegar à atualidade. O segundo tópico *Ambiente adequado para a criança* busca refletir sobre a importância de um ambiente saudável para o desenvolvimento desses sujeitos. O terceiro tópico *Os espaços escolares na primeira infância: limitações e perspectivas* faz conjecturas das exigências tidas para as escolas das sociedades anteriores até chegar às exigências desse sistema na época atual. A proposta de ambos os tópicos é referenciar o pensamento winnicottiano, objetivando paralelo entre os aspectos relacionados ao papel da mãe e do pai suficientemente bons, sobre o ambiente saudável e também sobre os espaços escolares.

### **As mutações da família na contemporaneidade**

A instituição familiar, em todas as épocas, sempre conviveu com profundas mudanças, exemplo disso tem-se as diferentes formas de olhar a criança que era vista como um adulto em miniatura até chegar a ser vista como a criança de direitos de ser criança, tendo os cuidados responsáveis da mãe suficientemente boa. Aí que chega o ponto em que o nó temporal faz com que haja a releitura dos estudos desse intelectual, já que a profissão da mulher em sua época, no geral, consistia em ser *dona do lar*, ou seja, seus afazeres eram cuidar dos filhos, da casa e do marido.

Porém, como ocorreu nas gerações anteriores a ele, aconteceu o mesmo após sua morte, ao passo que houve novamente mutações nessa instituição. As mulheres, antigas donas de casa, encontram-se hoje no mundo do trabalho, tendo as mesmas responsabilidades do homem ou até mais, tendo em vista que, geralmente, são elas as responsáveis pelos cuidados da família. Assim, nesse presente estudo tentar-se-á entender como fica o papel da boa mãe e de toda a estrutura familiar em relação ao desenvolvimento psicológico da criança, tendo em

vista que o tempo disponível da mãe tornou-se restrito. Restam algumas perguntas a serem respondidas nesse artigo: o que pensa Winnicott sobre a mulher e que atualidade ainda possui tal pensamento?

Para falar sobre a raiz familiar e suas mutações faz-se importante rever a história da mulher e, bem como da criança, até encontrar-se na atualidade, observando como eram vistos em gerações passadas e suas dificuldades encontradas ao longo dos séculos.

Seguindo essa concepção, no início do século XX há relatos que na capital do Rio Grande do Sul - Porto Alegre – a mulher pobre encontrava-se em estado crítico, pois necessitava trabalhar fora e manter sua honra, tendo em vista que naquela época a mulher que não exercesse apenas a profissão do lar era tida como promíscua. A obra *História da mulher no Brasil*, organizado por Priore vem a corroborar com esse pensar:

A mulher pobre, cercada por uma moralidade oficial completamente desligada de sua realidade, vivia entre a cruz e a espada. O salário minguado e regular de seu marido chegaria a suprir as necessidades domésticas só por um milagre. Mas a dona de casa, que tentava escapar à miséria por seu próprio trabalho, arriscava-se o pejo da “mulher pública”.

[...] a mulher com trabalho assalariado tinha de defender sua reputação contra a poluição moral, uma vez que o assédio sexual era lendário. [...] empregada durante quatro anos em uma fábrica de fiação de tecidos, foi obrigada a chamar amigos para atestar que “tinha se comportado muito bem na aludida fábrica” (2001, p. 516).

O caso citado acima fora apenas um entre muitos acontecidos com a mulher devido a sua ingressão ao mundo do trabalho, uma vez que naquele período o trabalho feminino era visto nada mais do que somente um mero adicional à renda familiar, como pode ser denotado abaixo em Priore:

Ironicamente, apesar de ser evidente que em muitos casos a mulher trazia o sustento principal da casa, o trabalho feminino continuava a ser apresentado pelos advogados e até pelas mulheres como um mero suplemento à renda masculina. Sem ser encarado como profissão, seu trabalho em muitos casos nem nome merecia. Era ocultado, minimizado em conceitos gerais como “serviços domésticos” e “trabalho honesto” (2001, p. 517).

Do mesmo modo como o sexo feminino foi sobrepujado em relação ao homem, a criança também o foi, tendo em vista que ela foi inserida no mundo do trabalho por gerar – como a mulher – menos gastos aos empregadores. Como relata Priore:

Ao separar-se do marido, ou ser abandonada [...] quais seriam as possibilidades das mulheres? Muitas delas achavam abrigo, pelo menos temporário, com seus pais. [...]. Mas em muitos casos os pais não prestam ajuda. Moram longe, são muito pobres [...]. Será, então, que a mulher tinha esperança de manter sua cabeça fora d'água com algum emprego? Não devemos nutrir ilusões quanto à situação da mulher trabalhadora. Em geral, mal ganhava o mínimo necessário para o seu próprio sustento, muito menos para manter seus filhos. Os empregadores preferiam mulheres e crianças justamente porque essa mão-de-obra custava em média 30% menos (2001, p. 518).

Essa evidente constatação mostra o quanto a criança e a mulher eram insignificantes como cidadãos de direitos para a sociedade do início do século XX. As mulheres, além de passarem difíceis provações ao ingressar no mundo do trabalho, eram abandonadas pelo marido, tendo que sustentarem a si próprias e aos seus filhos com irrisórios salários. Priore (2001, p. 523) confirma esse descaso: “O homem que não queria mais viver com a sua esposa podia simplesmente sumir, esperando que sua mulher desse conta de sustentar a família. Se sua mulher não saísse tranquilamente de sua vida, o homem podia tomar medidas mais enérgicas”. Bem, o que foi visto até aqui já mostra o quanto o sexo feminino teve que enfrentar para conquistar o seu lugar como sujeito de direitos.

Dando continuidade aos diversos modos de pensar e tratar o infante em diferentes gerações, há muito que dizer em relação aos absurdos ocorridos para com ele. Como exemplo disso tem-se a criança tratada como um adulto em miniatura. Isso pode ser deflagrado pelo fragmento abaixo da obra *História Social da Criança e da Família* de Ariès:

A criança era [...] diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais. Seria então interessante comparar a criança ao anão, que ocupa um lugar importante na tipologia medieval. A criança é um anão, mas um anão seguro de que permanecerá anão, salvo em caso de feitiçaria (1981, p. 14-15).

Infelizmente, além do que se denota acima ainda há muito que dizer em relação ao desmazelo com a criança, já que em épocas passadas o infante era tido como adulto anão e, ao mesmo tempo, não havia cuidados necessários para garantir a sua vida: se caso morressem não afetaria – no geral – à família e nem mesmo a sociedade.

Somado a isso, também há – na geração atual -, crianças conhecidas como reizinhos mandões, governando o lar e, como se não bastasse, ainda há novamente adultos anões na

contemporaneidade, tendo em vista que os menores encontram-se bombardeados pela mídia – onde incute às crianças e aos pais ideias extremamente estereotipadas para a idade, inserindo-as, desse modo, ao mundo de forma abrupta sem a preparação devida. Ariès refere que:

A vida da criança era então considerada com a mesma ambiguidade com que hoje se considera a do feto, com a diferença de que o infanticídio era abafado no silêncio, enquanto o aborto é reivindicado em voz alta – mas essa esta é toda a diferença entre uma civilização do segredo e uma civilização da exibição (1981, p. 18).

A criança, a mulher e, bem como, toda a instituição familiar passaram por uma série de mutações até chegarem à atualidade, mostrando todos os percalços existenciais sofridos ao longo da história.

Entretanto, agora chegou o momento de fazer uma análise da época em que Winnicott estudava e trabalhava em relação à mãe suficientemente boa, tendo em vista que fora um período de conquistas da instituição familiar no que tange aos cuidados da criança: a família, no geral, cercou-se de atenção aos seus bebês, protegendo-os com amor e carinho. Isso foi uma grande vitória, diferente ao passado obscuro do infante.

As atenções à criança foram um ganho para o seio familiar, todavia, há uma ressalva referente à mãe dessa criança, quando Winnicott comenta sobre a função única e, portanto, exclusiva, dessa para com o seu bebê, dizendo da mãe natural. Naquele tempo as mulheres, quase sempre, não trabalhavam fora e tinham a proteção dos maridos proporcionando um ambiente possível para que ela desempenhasse o papel de mãe suficientemente boa. Ele argumenta que a mulher tem o caráter de ser dona de casa e o marido de suprir a parte econômica no seio familiar, como pode ser constatado abaixo:

[...] a esposa governa a casa à sua maneira, enquanto o homem tem sua maneira própria no tocante ao trabalho. [...]  
Falar de mulheres que não querem ser donas de casa é, em minha opinião, ignorar uma coisa: que em mais parte alguma, salvo em sua própria casa, uma mulher pode exercer tal comando? Só em sua casa ela é livre, se tiver coragem, para estender-se, para encontrar seu próprio eu, sua personalidade plena. A grande coisa é que deveria realmente estar apta a conseguir seu próprio apartamento ou casa logo após o matrimônio, de modo que possa mover-se à vontade [...] (WINNICOTT, 1985, p. 135-136).

Esse estudo não está questionando o papel relevante da mãe com o seu filho e, nem mesmo, da importância do pai em organizar um ambiente acolhedor para a sua família, mas o

embate refere-se ao que se diz respeito à relação da mulher ser apenas dona de casa. Para isso, serão observadas as mudanças atuais da instituição familiar, observando os estudos de Winnicott, tendo sempre em ótica os diferentes tempos, tendo em vista que Winnicott não havia posto em discussão o papel da mulher no mundo do trabalho por não ser algo vigente em seu período histórico.

Seguindo esse ponto de vista, na contemporaneidade, a mulher mostrou-se apta a realizar diferentes tarefas em sua vida: uma delas é ser uma mãe eficientemente boa, ao passo que ela não precisa estar o tempo todo com o filho para mostrar o quanto ele é importante e, nem mesmo, para aumentar seu ego, pois o momento que ela dispõe com ele pode ser tão eficiente quanto o integral.

Além disso, há leis na atualidade que garantem uma maternidade digna, tendo em vista que a mãe tem o direito de quatro meses após a gravidez para ficar com a criança, podendo ser expandido para mais dois meses – conforme o acordo do empregador – e, após esse prazo ainda há o direito a amamentação. Sendo direitos indispensáveis para um desenvolvimento global saudável. Winnicott afirmara inúmeras vezes da necessidade dos primeiros meses da mãe ser plena para o seu bebê. Isso continua ocorrendo devido ao direito da maternidade.

Somado a isso, há ainda o olhar desse estudioso referente aos diferentes tipos de mães, uma vez que ele não deixa de constatar acerca da existência de mães despreparadas para a maternidade, sendo aí a constatação que vem a reafirmar esse estudo, não adianta ter um tempo integral com a criança, se esse tempo não for de todo sadio, por outro lado, há mães trabalhadoras que o pouco tempo disponível com seus filhos equivalem ao dia inteiro.

Nesta década presenciam-se mães suficientemente boas, desempenhando várias atribuições na sua vida pessoal e profissional. As mulheres veem aos poucos tomando seus merecidos lugares no cenário econômico e profissional em várias atividades. Tinha-se em mente que a mulher era do sexo frágil, tendo suas atividades voltadas para o ambiente familiar, conhecidas como donas de casa.

Dos tempos remotos aos dias atuais, essas mães estão ocupando vários cargos importantes que antes eram ocupados unicamente pelo homem. Encontra-se mulher exercendo atividades em alto escalão nas indústrias, comércio, prestação de serviços e nem por isso deixaram de se fazer presente nas atividades familiares.

Diante desse novo cenário, espera-se da mãe suficientemente boa que ela seja capaz de satisfazer as necessidades do seu bebê em todas suas fases da vida. Winnicott menciona que:

A 'mãe' suficientemente boa (não necessariamente a própria mãe do bebê) é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração. Naturalmente a própria mãe do bebê tem mais probabilidade de ser suficientemente boa do que alguma outra pessoa, já que essa adaptação ativa exige uma preocupação fácil e sem ressentimentos com determinado bebê; na verdade, o êxito no cuidado infantil depende da devoção, e não de "jeito" ou esclarecimento intelectual. (WINNICOTT, 1975, p. 25).

A mãe suficientemente boa não precisa ser necessariamente a mulher que gerou o filho como também aquela que possui aptidão de satisfazer às necessidades da criança. As mães que possuem outras atividades, diferente da profissão do lar, devem procurar ter um conhecimento e equilíbrio emocional elevado a fim de criar seus filhos, com dignidade, respeito e devoção. Essa criação se dá não somente no âmbito familiar, como também na presença de outras pessoas que vão proporcionar ao bebê todo conforto, proteção e segurança. Para Winnicott:

Quando os pais não são capazes de dar o que é necessário, os professores ou a própria escola podem, frequentemente, fazer bastante para cobrir essa deficiência, mas pelo exemplo, pela integridade e honestidade pessoais, pela dedicação e pela presença direta para responder a perguntas, e não pela instrução sexual organizada (WINNICOTT, 1985, p. 247).

A mãe boa é aquela perceptiva a atender a todas as necessidades do seu bebê. Em consequência aos seus afazeres diários, muitas vezes deixa seus filhos aos cuidados de outras pessoas, seja no seio familiar ou em Escolas de Educação Infantil. Ao final do dia, apanha seu bebê e o leva para o seu lar. A mãe suficientemente boa deve dar ao seu filho toda a atenção necessária, mesmo que tenha tido um dia exausto. Levando em consideração que o filho precisa de carinho, contato e proteção da mãe.

As contribuições de Winnicott são inquestionáveis na contemporaneidade, precisando apenas fazer algumas reformulações devido às diferentes épocas, assim como: o tempo da mãe para com o bebê, observando a qualidade desse tempo e não a quantidade dele. Além disso, há de se rever o papel da Educação Infantil e a profissão do educador dessa área, que serão especificados no decorrer desse estudo. Cabe deixar claro reafirmar que a família embora conviva em eternas mudanças, necessita ter um ambiente afetivo para a solidificação saudável da personalidade de seus filhos, não importando se a genitora trabalhe fora ou não, sendo o que importa é a qualidade disponível desse tempo para com seus rebentos.

## **Ambiente adequado para a criança**

O escritor Winnicott relata em suas obras que a educação da criança em sua infância, só terá um ambiente saudável para se desenvolver fisicamente, psicologicamente e socialmente se os pais lhe oferecem ditas condições. A criança precisa da proteção materna e paterna nos primeiros anos de vida, pois o recém-chegado ao mundo, necessita de condições mínimas para poder se desenvolver.

O autor menciona (1996, p. 98) que bons pais comuns constroem um ambiente familiar, dentro de um lar agradável e de forma juntos (pai e mãe), promovendo então uma relação básica de cuidados à criança mantendo um relacionamento em que a criança encontra gradualmente a si mesma (seu *self*) e ao mundo, e uma relação operativa entre ela e o mundo.

O lar deve ser um ambiente tranquilo e agradável para a criança, onde os pais vão fornecer ao seu bebê condições para que desenvolvam suas potencialidades inatas de forma sadia e natural. Dessa forma Winnicott menciona que:

O lar, contudo, é de responsabilidade dos pais e não da criança. Quero deixar bem claro que não estou pedindo a ninguém que fique expressando gratidão. O que me preocupa de modo específico não retrocede nem ao momento da concepção, nem avança tanto quanto a construção de um lar. Estou preocupado com a relação que a mãe tem com o bebê pouco antes do parto e nas primeiras semanas e meses após o nascimento. Estou tentando chamar a atenção para a imensa contribuição ao indivíduo e à sociedade que a boa mãe comum faz desde o começo, com seu marido dando suporte, e que ela faz simplesmente por ser devota a seu filho (WINNICOTT, 1996, p. 98).

O autor destaca que esse ambiente é de responsabilidade comum dos pais. Dentro desse recinto familiar, a mãe é a maior protagonista, pois desde a concepção do seu bebê, ela desenvolve uma identificação muito íntima, permitindo-a saber quais são as suas necessidades vitais. A mãe só vai conseguir atribuir esse ambiente saudável à criança se o seu companheiro, o pai, puder dedicar-se também aos cuidados do filho.

É muito importante que a criança e a mãe sintam a presença, proteção e carinho efetivo do pai. O pai deve fornecer todas as condições necessárias para que o ambiente seja favorável e adequado ao desenvolvimento da criança. Ele deve fazer desse ambiente um espaço agradável para que a mãe possa agir com naturalidade, deixando que ela detenha sua atenção especialmente ao seu bebê, e ele se preocupe com os demais afazeres diários de um lar.

Nesse momento, um homem está em posição mais difícil do que uma mulher; ele não pode, obviamente, reconciliar-se com sua mãe através do ato de se tornar mãe. Ao homem só resta a alternativa de aproximar-se ao máximo da consciência daquilo que a mãe realiza. O desenvolvimento da maternagem como uma qualidade em seu caráter não vai ser muito profunda, e a feminilidade num homem manifesta-se apenas como um caminho paralelo aos assuntos principais.

Para o homem que está enredado nesse problema, uma solução é participar de um estudo objetivo do papel da mãe, especialmente o que ela desempenha no início (WINNICOTT, 1996, p. 99).

O pai possui um papel importantíssimo na formação de um ambiente favorável para que a mãe consiga agir com naturalidade na criação do seu filho. Em um lar, deve haver uma proteção recíproca entre pai e mãe em relação ao seu bebê, da qual com suas responsabilidades e deveres. Em uma das passagens do livro *A família e o desenvolvimento individual*, Winnicott menciona que:

Só na presença dessa mãe suficientemente boa pode a criança iniciar um processo de desenvolvimento pessoal e real. Se a maternagem não for boa o suficiente, a criança torna-se um acumulado de reações à violação; o *self* verdadeiro da criança não consegue formar-se, ou permanece oculto por trás de um falso self que a um só tempo quer evitar e compactuar com as bofetadas do mundo (WINNICOTT, 1997, p. 24).

Havendo um ambiente suficientemente bom, a mãe vai saber agir de forma eficiente e precisa no atendimento das necessidades vitais da criança. O papel do homem é importante, no entanto só a mãe sabe agir com a naturalidade naquilo que o bebê precisa. Winnicott explica que:

A jovem mãe precisa de proteção e informação; precisa do melhor que a ciência médica pode oferecer em termos de cuidados corporais e prevenção de acidentes evitáveis. Ela precisa de um médico e de uma enfermeira que conheça e em que deposite confiança. Precisa da devoção de um marido, e de experiências sexuais satisfatórias. [...]

Provavelmente aqueles que já passaram pela experiência da maternagem, e que se permitem olhar em torno, teriam algum interesse em ler, e podem ajudar a fazer o que hoje é tão necessário, ou seja, dar suporte moral à boa mãe comum, educada ou não, inteligente ou limitada, pobre ou rica, e protegê-la contra tudo e todos que se interpuserem entre ela e seu bebê (WINNICOTT, 1996, p. 99).

O marido deve se fazer presente e prestar todos os cuidados necessários ao bebê. É admirável o pai que fornece ao seu filho o calor do seu colo e de sua segurança. É o porto seguro da criança e da mãe. Segundo Winnicott, a família é o primeiro agrupamento, e de

todos que existem é o qual está mais próximo de ser um agrupamento dentro da unidade da personalidade. Esclarece ainda que:

O pai entra no quadro geral de duas maneiras. Até certo ponto, ele é uma das duplicações da figura materna. Nos últimos cinquenta anos, tem havido neste país uma mudança na orientação, de tal modo que os pais se tornaram muito mais reais para seus filhos no papel de duplicações da mãe do que elas eram, parece, décadas atrás (WINNICOTT, 1996, p. 103).

Durante o período de gestação, que antecede ao nascimento do filho, a mãe se identifica tanto com o bebê de modo a formar um único ser. A identificação da mãe com seu filho é algo exuberante e magnífico, já que ela sabe agir de forma natural, visando atender a todos os seus anseios. Winnicott (1997, p. 24) menciona que “quando o par mãe-filho funciona bem, o ego da criança é de fato muito forte, pois é apoiado em todos os aspectos”.

O que se espera é que as mães brasileiras tenham estrutura e condições para terem seus bebês em ambientes favoráveis, perto de pessoas humanas que possam lhe dar todo apoio e condições necessárias para poder criar seus filhos, pois nessa fase, ninguém sabe melhor das necessidades do bebê do que a mãe.

### **Os espaços escolares na primeira infância: limitações e perspectivas**

Ao refletir sobre os espaços escolares sob o olhar de Winnicott, é importante destacar as questões que circundam a primeira infância e as transformações sociais que trazem em seu bojo implicações nas mais variadas dimensões, que abrangem o contexto familiar e social, confrontando e analisando a visão que se tinha do espaço escolar no século XX com as que se fazem presentes nos dias atuais.

Sabe-se que o padrão familiar tem passado por constantes modificações no decorrer do processo histórico, sendo que muitas famílias estão cada vez menores, reduzindo assim as relações que se estabeleciam entre as crianças. Há também famílias - na maioria das vezes em condições de vulnerabilidade social - com um grande número de filhos, estes provenientes de diferentes relações que na maioria das vezes, não recebem um mínimo de cuidados necessários para se desenvolverem num ambiente propício e favorável. Para discutir a perspectiva das mudanças, é necessário levar em consideração o ambiente escolar, este para

um grande número de pessoas é visto como o redentor. As exigências da vida pós-moderna<sup>1</sup> estão cada vez maiores e o tempo de permanência da mãe com o seu bebê está cada vez menor. Sobre esse ponto destaca Winnicott:

[...] a principal ajuda a ser prestada à pequena família moderna é a ampliação do âmbito de relações e de oportunidades. A escola maternal. O jardim de infância, podem fazer muito nesse sentido, se não forem demasiado grandes e se estiverem adequadamente dotados de pessoal. Não me refiro apenas à quantidade de pessoal, mas também à educação do mesmo em problemas de Psicologia Infantil (1985, p. 212).

Partindo desse pressuposto, fica evidente a relevância das escolas destinadas às crianças pequenas. Estes espaços possuem amparo legal, sendo que o principal é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - 9394/96, a qual denomina as instituições para crianças pequenas de Escolas de Educação Infantil, atendendo crianças na faixa etária entre 0 à 5 anos. As escolas destinadas à primeira infância estão em fase de expansão, pois a procura por esse serviço educacional é muito grande.

Para Winnicott, a função da escola maternal:

não é ser um substituto para uma mãe ausente, mas suplementar e ampliar o papel que, nos primeiros anos da criança, só a mãe desempenha. Uma escola maternal, ou jardim de infância, será possivelmente considerada de um modo mais correto, uma ampliação da família “para cima”, em vez de uma extensão “para baixo” da escola primária (1985, p. 214).

Na atualidade as Escolas de Educação Infantil, no geral, não são mais compreendidas desta maneira que Winnicott preconizava, já que as exigências e necessidades destes espaços são diferenciadas da época em que o autor viveu. A escola é considerada por muitos como um substituto da família, a qual delega suas atribuições para os educadores, exigindo que cuidem, eduquem, proporcionem um ambiente de afetividade e ensinem as habilidades mais elementares na vida dos humanos. Como já foi visto anteriormente, o papel da mãe é insubstituível no início do processo de desenvolvimento das crianças, a ausência da presença

---

<sup>1</sup> Na tese de doutorado: *A educação, o cenário da pós-modernidade e a questão da normatividade do discurso pedagógico*, o autor João Francisco Lopes de Lima define que: O cenário da pós-modernidade é marcado pela complexidade e traz questões problemáticas para o cenário educacional... Os tempos pós-modernos são tempos perturbados [...] Há apenas um estado de ausência, de onde emerge uma angústia, uma subjetividade entregue ao tédio existencial e instituições em crise sobre o que dizer sobre as suas finalidades mais nobres. Tudo ficou reduzido à retórica, não há fundamento sustentável, não há mais quem diga a Verdade e quando a verdade é dita, precisa ser compreendida sempre relativa ao seu contexto e não há garantias de que seja correspondente ao real, supondo que este também exista (2009, p.13).

desta protagonista reflete em diversas consequências que são visualizadas nas escolas, tais como: agressividade, depressão infantil, indisciplina.

Quando isso ocorre, muitas mães culpabilizam as escolas pelas situações presentes, sem levar em consideração a sua parcela de culpa. Se a escola fosse entendida como um complemento, uma extensão da ação familiar, certamente, a educação não estaria enfrentando tantas dificuldades como está hoje.

Com tantas problemáticas a enfrentar no cotidiano desses espaços escolares, cabe aos profissionais da educação procurar novos conhecimentos que proporcionem suporte teórico para poder desenvolver um trabalho que traga reais contribuições, auxiliando na compreensão e na busca de possibilidades, a fim de tentar resolver aos tantos impasses e tantas dificuldades que surgem no cotidiano das salas de aula. Quando Winnicott realizou suas pesquisas, as concepções de formação de professores para a Educação Infantil não eram muito salientadas. Segundo ele:

*Uma jovem professora da escola maternal não está biologicamente orientada para qualquer criança, exceto de um modo indireto, através da identificação com uma figura materna. Para ela, é portanto necessário ser levada gradualmente a compreender que está na presença de uma psicologia complexa de crescimento e adaptação infantil, a qual necessita de condições especiais de meio ambiente. O exame das crianças e seu cuidado habilita-la-á a reconhecer a natureza dinâmica do crescimento emocional e normal (Winnicott, 1985, p. 215).*

Desse modo, fica evidente a interligação entre o trabalho da professora com o instinto materno, assim, conforme a concepção winnicottiana, a educadora possui como herança natural alguns dos atributos e deveres maternos para esta etapa escolar, porém sabe-se que as exigências da atualidade são diferenciadas, a formação pedagógica é indispensável, distinguindo, assim, as ações maternas do trabalho docente. Em outra passagem Winnicott esclarece melhor as exigências que o educador precisa ter para exercer o seu agir pedagógico<sup>2</sup>, bem como, é preciso que o docente possua conhecimentos para orientar e tratar suficientemente bem os educandos.

Analisando tal situação, escreve Winnicott:

A professora assume o papel de uma amiga calorosa e simpática, que será não só o principal esteio da vida da criança fora de casa, mas também uma pessoa resoluta e coerente em seu comportamento para com ela, discernindo suas alegrias e mágoas pessoais, tolerante com suas incoerências e apta a ajudá-la no momento de necessidades especiais. Suas oportunidades situam-se em suas relações pessoais com

---

<sup>2</sup> O termo agir pedagógico é definido por Dalbosco como “um agir dialógico, não um fazer humano, que se efetua sobre objetos, mas sim um agir que se realiza no encontro dialógico entre pessoas (2007, p. 76).

a criança, com a mãe e com todas as crianças como um grupo. Em contraste com a mãe, a professora possui conhecimentos técnicos resultantes de seu treino e de uma atitude de objetividade em relação as crianças sob seus cuidados. (1985, p. 221).

Considerando a escola de educação infantil como uma experiência social exterior ao contexto familiar, os profissionais atuantes precisam ter a capacidade para atuar em harmonia com os educandos, criando condições em que as brincadeiras estejam presentes, assim como, as histórias, os desenhos e a música, estabelecendo um elo entre o sonho e o real. Para Winnicott (1985, p. 219) “é especialmente neste setor que a escola maternal pode fomentar o enriquecimento e ajudar a criança a encontrar uma relação operante entre as ideias que são livres e o comportamento que precisa tornar-se relacionado com o grupo”.

É fundamental perceber que apesar destas afirmações datarem de décadas passadas, elas se fazem muito atuais no cenário educacional. Interpretar as contribuições winnicottianas para educação faz com que o trabalho pedagógico seja desenvolvido de uma maneira mais satisfatória, já que em seus escritos ele ressalta e explica as funções e atribuições dos sujeitos que fazem parte da vida das crianças, indicando possibilidades de caminhos que podem ser seguidos e construídos. Como um de seus propósitos para a educação das crianças, Winnicott expôs o seguinte:

A educação da escola maternal exige que a professora esteja pronta a exercer restrições e controles sobre aqueles impulsos e desejos instintivos, comuns a todas as crianças, que são inaceitáveis em suas próprias comunidades, fornecendo simultaneamente os instrumentos e oportunidades para o pleno desenvolvimento criador e intelectual da criança, assim como os meios de expressão para a sua fantasia e vida dramática (1985, p. 224).

Outro aspecto salientado por Winnicott diz respeito à importância das relações que devem ser estabelecidas entre a professora e a mãe, desde a inserção da criança na escola, as relações de sinceridade e de cordialidade entre educadora e mãe contribuirão para suscitar sentimentos de confiança e tranquilidade para a criança.

Nessa perspectiva, as instituições de Educação Infantil devem ser vistas como um espaço de socializações, novas descobertas e de construções de conhecimentos. Essas instituições precisam ter como uma de suas incumbências, propiciar à criança a companhia de outros pares, com a finalidade de criar oportunidades em que os sujeitos deste processo tornem-se participante, potencializando, desse modo, a capacidade de estabelecer relações harmoniosas e de sociabilidade humana.

A partir dessa releitura de Winnicott, nota-se que o caminho apontado por ele, centra-se na ideia de que a escola não pode desconsiderar a relevância da vida afetiva no lar das

crianças, mas sim deve ampliá-la de tal modo que as relações alinhavadas nestes ambientes contribuam no desenvolvimento integral dos educandos nos aspectos social, físico, psicológico e intelectual.

Por fim, Winnicott aponta possibilidades e também limitações dos ambientes escolares:

A escola, que é um apoio, mas não uma alternativa para o lar da criança, pode fornecer oportunidade para uma profunda relação pessoal com outras pessoas que não os pais. Essas oportunidades, apresentam-se na pessoa das professoras e das outras crianças e no estabelecimento de uma tolerante, mas sólida, estrutura em que as experiências podem ser realizadas (1985, p. 217).

Verifica-se, nesse revisitar dos escritos de Winnicott, a necessidade de repensar as propostas pedagógicas que estão sendo desenvolvidas no contexto educacional atual, os limites encontrados e também pensar em novas maneiras que venham a colaborar com ampliação da qualidade da educação. O foco da Educação Infantil não pode restringir-se somente nos aspectos de expansão, pois de nada adianta ter *lindas escolas* e não ter propostas coerentes com as necessidades da contemporaneidade. Além disso, a formação de professores para atuar nessa etapa é outro ponto que precisa de um debate mais consistente, pois o trabalho baseado apenas no senso comum não é o fator preponderante para se trabalhar na Educação Infantil.

### **Considerações finais**

Esse artigo evidenciou a importância do pensamento de Winnicott para analisar as transformações ocorridas no contexto familiar e escolar, buscando subsídios teóricos que propiciaram suporte para interpretar as interfaces que fazem parte destes cenários que abrangem diferentes tipos de relações sociais.

O objetivo do texto não foi comparar o contexto em que Winnicott viveu com o da atualidade, nem fazer críticas as suas ideias, mas sim buscar referências que auxiliem compreender aspectos relacionados ao papel da mãe e do pai suficientemente bons, sobre o ambiente saudável e também sobre os espaços escolares, instâncias estas - família e escola - que estão interligadas e que precisam estabelecer constantes diálogos no vigente período histórico.

O pensamento winnicottiano é consistente e relevante para pensar o contexto pós-moderno. As transformações que ocorreram trouxeram mudanças que interferiram na maneira dos sujeitos conduzirem e pensarem a estrutura familiar. As atribuições das mulheres se multiplicaram e os cuidados com as crianças estão sendo *terceirizados* a outros segmentos da sociedade, principalmente para as Escolas de Educação Infantil.

Seguindo essa perspectiva, verificou-se que o papel de uma mãe suficientemente boa e de um pai suficientemente bom é fundamental para o bom desenvolvimento de todas as crianças. As relações que se estabelecem nas primeiras épocas da vida dos sujeitos são determinantes, ou seja, podem ser positivas ou negativas, dependendo da qualidade destas relações. Por isso, independentemente da situação profissional dos pais, o tempo que eles têm disponível, - seja bastante ou pouco - deve ser dedicado aos filhos de tal modo que estes se sintam amados, protegidos e inseridos em um ambiente acolhedor e tranquilo, caso contrário, se a conduta da família for diferente, as problemáticas irão aparecer e os reflexos poderão ser visualizados dentro de casa, na escola e na sociedade em geral.

As indagações propostas no texto: o que pensa Winnicott sobre a mulher e que atualidade ainda possui seu pensamento? Instigam o pensamento reflexivo e remetem a analisar que as concepções expostas pelo estudioso são de extrema importância, mas algumas ideias precisam ser repensadas e adaptadas ao cenário contemporâneo, uma delas é a questão do papel da mulher na sociedade e outra que é evidenciada em seus escritos é a da formação de professores para atuar com a educação da primeira infância.

Nesse sentido, a mulher e também o homem não conseguem mais dar conta de seus afazeres diários, eles encontram-se sobrecarregados de inúmeras tarefas, deixando em segundo plano a atenção e o carinho que deveriam ser dedicados aos filhos.

Sobre a formação de profissionais para a Educação Infantil, nota-se que no século passado as exigências eram diferenciadas dos dias atuais, já que as mulheres dedicavam-se exclusivamente ao lar, diferentemente de hoje, onde muitas crianças ficam em torno de dez horas ou mais por dia inseridas nos espaços escolares, tendo como referência seus educadores, pois a convivência no seio familiar é mínima comparada à escolar.

Por isso, faz-se necessário uma formação sólida para esses docentes, dessa forma, certamente poderão colaborar qualitativamente com o processo de desenvolvimento e ensino-aprendizagem das crianças que estão imersas nesses ambientes e também propiciar orientações para os pais da atualidade, a fim de que possibilite a esses genitores mecanismos que os auxiliem a enfrentar as situações problemas presentes em seu cotidiano.

Enfim, cabe destacar que apesar das ideias winnicottianas datarem do século passado, elas se fazem atuais, ajudando a compreender diversos aspectos que fazem parte do universo infantil, familiar e educacional, proporcionando um maior entendimento e esclarecimento para enfrentar os desafios propostos nesses segmentos sociais.

## Referências

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ed. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.

DALBOSCO, Cláudio Almir. *Pedagogia filosófica: cercanias de um diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2007.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL 9394/96.

LIMA, João Francisco Lopes de. *A educação, o cenário da pós-modernidade e a questão da normatividade no discurso pedagógico*. Tese (doutorado)- Universidade Federal Fluminense, 2009. In: [http://www.uff.br/pos\\_educacao](http://www.uff.br/pos_educacao).

PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D. W. *A criança e o seu mundo*. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago editora LTDA, 1975.

WINNICOTT, D. W. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.